



A ÁGUA EM ÉVORA

CE
Central Elevatória
de Água

UNIDADE MUSEOLÓGICA
Rede de Equipamentos
Culturais Municipais

Percursos e Memórias

FICHA TÉCNICA

PRODUÇÃO
Divisão de Cultura e Património

TEXTOS
Conceição Rodrigues
Francisco Bilou

FOTOGRAFIA
Henrique Oliveira

REVISÃO DE TEXTO
Antonieta Félix

DESIGN
Alexandra Mariano

2022

PRODUÇÃO:



PARCERIA:



EXPOSIÇÃO PERMANENTE

**CEA - UNIDADE MUSEOLÓGICA
CENTRAL ELEVATÓRIA DE ÁGUA**
Rua do Menino Jesus
T. +351 266 777 072
E-mail: cme.dcp@cm-evora.pt

HORÁRIO
Segunda a Sexta
09H00 - 12H30 / 13H00 - 16H30
Encerra aos fins de semana e feriados

**MUSEU NACIONAL
FREI MANUEL DO CENÁCULO**
Largo do Conde de Vila Flor

HORÁRIO
Terça a Domingo
09H30 - 13H00 / 14H00 - 17H30

PERCURSOS



INTRAMUROS



EXTRAMUROS



1 AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA



2 TERMAS ROMANAS



3 CAIXA DE ÁGUA DA RUA NOVA



4 FONTE DA PRAÇA DE GIRALDO



5 PAÇO REAL DE ÉVORA



6 FONTE-CHAFARIZ DA PORTA DE MOURA



7 FONTANÁRIO DO LARGO DO ESPÍRITO SANTO



8 MUSEU NACIONAL FREI MANUEL DO CENÁCULO



9 TEMPLO ROMANO



10 CENTRAL ELEVATÓRIA DE ÁGUA UNIDADE MUSEOLÓGICA



1 FONTE DA PORTA NOVA



2 CHAFARIZ DOS LEÕES



3 CHAFARIZ D'EL REI



4 FONTE-CHAFARIZ DO ROSSIO DE S. BRÁS



5 FONTE NOVA



6 FONTE CLAUSTRAL DO CONVENTO DOS REMÉDIOS



7 CHAFARIZ DAS BRAVAS



Percursos e Memórias da Água em Évora é um itinerário de carácter histórico de fruição pública do património hidráulico municipal e do seu acervo de peças à guarda do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo.

1 AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA



Iniciado sem grande esmero, por volta do ano de 1490, durante o reinado de D. João II, e retomado sem sucesso, no final da vida de D. Manuel I, a sua obra de construção decorreu finalmente, entre 1533 e 1539. Tendo a primeira Água da Prata, proveniente do Divor, chegado a Évora no dia 29 de março de 1537, simbolicamente uma “quinta-feira de lava-pés”. O responsável pela obra foi o experiente mestre de obras manuelino Francisco de Arruda.

2 TERMAS ROMANAS



Complexo termal que se situa no espaço urbano do antigo Palácio dos Condes de Sortelha (atual Paços do Concelho), área conhecida na Idade Média por “Castelo Velho” e associada à lenda do castelo ou quartel-general de Sertório. Dos vestígios arqueológicos subsistentes, destaca-se o *Laconicum* (zona do banho quente), o *Praefurnium* (fornalha) e a *Natatio* (piscina de água fria, hoje soterrada por questões de conservação). As termas datam do séc. I e funcionaram pelo menos até ao séc. IV d. C.

3 CAIXA DE ÁGUA DA RUA NOVA



Estrutura hidráulica do Aqueduto com função de arejamento, decantação e visita. Tem a forma de um pequeno templo clássico, com possível associação simbólica ao ponto terminal da água junto das muralhas, na memória do “Castelo de Água” romano. Obra datável dos anos 1536/37, atribuída ao arquiteto Miguel de Arruda.

4 FONTE DA PRAÇA DE GIRALDO



Imponente fonte marmórea em forma de píxide, dedicada ao jovem rei D. Sebastião, com a qual o Cardeal-Infante D. Henrique, seu tio-avô, desafiou a fachada da Igreja de Santo Antão, junto da qual se situava (até 1570) o chafariz que recebeu a primeira Água da Prata. A obra, já pronta em 1571, deve-se ao arquiteto Afonso Álvares.

5 PAÇO REAL DE ÉVORA
TORRINHA TERMINAL DO AQUEDUTO



Torrinha clássica de grande beleza artística. Desaparecida desafortunadamente em 1873, foi construída por volta de 1539, para abastecer o Paço Real e o Mosteiro de São Francisco; obra devida, provavelmente, ao arquiteto Miguel de Arruda, em parceria com o escultor Nicolau Chanterene.

EVORA. 8 - (PORTUGAL). AQUEDUTO DO SERTÓRIO. F.A. Martins - Lisboa • Cronologia: séc. XIX (anterior a 1873) • Arquivo Fotográfico Municipal • 14x9 cm

6 FONTE-CHAFARIZ DA PORTA DE MOURA



Peça em mármore de grande beleza, já de talhe maneirista, mandada erigir em 1556, pelo Cardeal-Infante D. Henrique, com o contributo dos moradores locais por se tratar de um dos principais largos da cidade. A sua traça, muito erudita, sublinhada pela citação de um salmo bíblico, deve-se a Diogo de Torralva.

7 FONTANÁRIO DO LARGO DO ESPÍRITO SANTO



Este é uma peça em ferro forjado, característica da época (1895), construído por subscrição pública e que inicialmente recebia água do Aqueduto.

8 MUSEU NACIONAL FREI MANUEL DO CENÁCULO



Exibe um conjunto de epígrafes forjadas no século XVI, para enaltecer quer as origens clássicas da cidade quer os seus protagonistas históricos. Três dessas lápides são dedicadas ao Aqueduto e às suas origens romanas. Tal como, um leão de mármore, que foi reutilizado como peça decorativa no primitivo chafariz da Praça Grande, entre 1537 e 1570; e um fragmento de um cano de chumbo (*fistula plumbea*), com a inscrição municipal LIB IVL (*Liberalitas Iulia*), o que mostra que a *Ebora* romana já possuía distribuição domiciliária de água.

9 TEMPLO ROMANO



É dos monumentos mais antigos da cidade, localizado no ponto mais alto da antiga *Ebora Liberalitas Iulia*. Era parte integrante da grande praça pública (*Fórum*), circunscrita por uma vasta galeria porticada, e teria a circundá-lo um espelho de água. O templo romano, datável do séc. I d. C., e consagrado ao culto imperial (e não à deusa Diana), foi libertado da estrutura adventícia medieval que o manteve largos séculos como açougue.

10 CENTRAL ELEVATÓRIA DE ÁGUA UNIDADE MUSEOLÓGICA



Conjunto de infraestruturas que subsistiu ao longo do tempo e que testemunha a grande inovação técnica que permitiu assegurar o primeiro sistema domiciliário de distribuição de água na cidade. Obra de 1933, com projeto do engenheiro Castro Cabrita e construção do engenheiro Vergílio Preto. Na sua sede, que é a antiga estação elevatória, exibe-se um conjunto de contadores de água. Legado material do município que ilustra a evolução técnica de medição do caudal de água para consumo público, durante o século XX.

1 FONTE DA PORTA NOVA



Recolocada duas vezes em sítios diferentes, recebia água do Aqueduto. Em 1866, foi removida do Largo da Porta Nova (atual Largo Luís de Camões) para a Praça Joaquim António d’Aguiar. Já nos anos 20 do século passado, por motivos de requalificação urbanística desta praça, foi novamente removida e colocada no Largo da Porta de Avis. Obra de 1573, atribuída a Afonso Álvares ou a Mateus Neto.

2 CHAFARIZ DOS LEÕES



Tanque de retenção de água de nascente, decorado com dois leões em mármore de cronologia romana, provenientes do primitivo chafariz da antiga Praça Grande (1537-1570). Foi originalmente abastecido pelo **Poço Novo do Pombal (2.1)**, já documentado em 1341 e, os seus sobejos alimentavam o chafariz fronteiro, dito **Chafariz de São Bartolomeu (2.2)**, dos princípios do séc. XVI. Obra conhecida desde finais do séc. XV ou inícios do séc. XVI.

3 CHAFARIZ D’EL REI



Edificado durante o reinado de D. Manuel I, aquando da presença do rei em Évora (1497), apresenta a Cruz de Cristo e as armas reais. A sua localização, aproveitando boa e abundante água de nascente, está relacionada com o importante caminho que, saindo à antiga Porta da Mesquita, se dirigia a Portel e a Moura.

4 FONTE-CHAFARIZ DO ROSSIO DE S. BRÁS



Conjunto construído no período filipino, após a expropriação de um poço público como chafariz de cavalaria. Recebeu a água do Aqueduto e os sobejos abasteceram um enorme tanque, cuja água saía pela boca de um dos leões romanos, hoje à guarda do Museu.

5 FONTE NOVA



Fonte datada de 1793, localizada abaixo do Rossio de São Brás, que aproveita uma nascente de água calcária.

6 FONTE CLAUSTRAL DO CONVENTO DOS REMÉDIOS



Recebeu, tal como todos os grandes edifícios religiosos e civis da cidade, água do Aqueduto, por intermédio de um chafariz localizado à Porta de Alconchel, demolido, na década de 1960, no contexto da construção da Igreja Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora. No claustro conventual, subsiste a fonte seiscentista e a cisterna de uso particular dos Carmelitas Descalços.

7 CHAFARIZ DAS BRAVAS



Nome de origem medieval: *Bravas* era o nome dado às mulheres que provocavam descatos. Estrutura hidráulica de apoio aos viajantes, conhecida desde o séc. XIV, já consta na atual configuração na iluminura do Foral de Évora de 1501. Em 1891, um dos seus tanques foi adaptado a lavadouro público; ali existiu, durante as primeiras décadas do século XX, a primeira piscina pública, denominada Balneário das Bravas, construída a expensas de Francisco Eduardo de Barahona.